

LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA NAS ESCOLAS PÚBLICAS CARIRISENSES: REALIDADE OU FAZ DE CONTA (?!)

Tatiana Fernandes Sant'ana (UEPB – Campus VI)

INTRODUÇÃO

Um dos grandes frutos da globalização foi a tecnologia computacional, que possibilitou avanços significativos nos meandros da informação, através do uso constante da informática, em especial da internet. Esta, quando utilizada no meio escolar-acadêmico, torna-se um instrumento de pesquisa que auxilia beneficentemente no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que viabiliza a interação entre alunos, professores e meio, inserindo-os e preparando-os para as necessidades emergentes da sociedade (XAVIER, 2006), estimulando uma aproximação do aluno com os diversos gêneros textuais que circulam nessa esfera de comunicação.

Partindo deste contexto, desenvolvemos este trabalho no intuito de verificar nas escolas públicas da região do cariri paraibano, que dispõem laboratório de informática, como tem sido a utilização deste espaço quanto à necessidade de sua apropriação para o ensino e, em especial, de língua portuguesa. Esta inquietação parte da hipótese de que, como sugere o título deste artigo, acreditamos que tais laboratórios ainda não exerçam a sua real função, que é a de facilitar ou contribuir para a melhoria do ensino da rede pública.

Para tanto, coletamos dados a partir de uma pesquisa de campo, de base etnográfica (ANDRÉ, 1995), que teve como principal instrumento dois questionários, aplicados sob a ótica dos diretores e do corpo docente de língua portuguesa de nove escolas de ensino fundamental II, durante o período compreendido entre outubro e dezembro de 2008. E para elaborarmos uma leitura detalhada de tais informações, baseamos-nos na pesquisa cunho quanti-qualitativa (MOITA LOPES, 1994), a partir da qual pudemos organizar as principais respostas dos informantes em gráficos estatísticos, associando-as às teorias pesquisadas apresentadas a seguir.

LINGUAGEM VIRTUAL E ENSINO: MODERNIDADE OU RETROCESSO?!

Mediante a diversidade de linguagem existente hoje, a do tipo digital vem se destacando de maneira bastante variada, provocando polêmicas em vários contextos sociais, como o escolar-acadêmico. Isto porque a informática, em especial a Internet, é um forte reflexo das mudanças comportamentais no indivíduo e, quando bem utilizada, torna-se um instrumento eficaz nas práticas educacionais.

Para Galli (2004), ler o mundo tornou-se virtualmente possível já que o navegante o pode acessar em qualquer parte do planeta, a qualquer hora do dia e por diversos leitores ao mesmo tempo. Comparado a um texto convencional, o hipertexto não impõe ao seu leitor uma ordem hierárquica que determine as partes que ele deverá seguir, ao contrário, ele encontrará na tela do computador caminhos sugestivos que lhe permitem escolher meios diversificados no ciberespaço.

Neste espaço cibernético, a comunicação é totalmente distinta da mídia clássica. Nos meios de comunicação de massa, a mensagem é divulgada por um emissor para diversos receptores sem que haja uma interação entre ambos. Já o telefone, embora promova uma interação entre as partes, não abre espaço para o coletivo no momento de transmitir uma informação. O espaço cibernético por sua vez, não faz distinção entre emissor e receptor, pois ambas as partes interagem e podem ocupar simultaneamente as duas posições.

Um outro fator possibilitado pela Internet é a multiplicidade de temas que pode ser encontrada nela. Além dos *sites*, lista de discussão, integra todos os recursos de todas as formas de comunicação desde assuntos econômicos, sociais, educativos, até o entretenimento. Os mesmos são abordados com uma linguagem acessível a todos os hiperleitores e quando transferidos para o contexto social são

divulgados com uma linguagem global. Dessa forma, a linguagem virtual possibilita ao internauta participar dos acontecimentos sociais e universais e assim ter um contato com uma linguagem globalizada, conhecida por outras culturas. Sendo assim, o locutor precisa estar sempre atento ao emprego de uma linguagem adequada com aquela forma de comunicação.

No entanto, há uma grande preocupação por parte dos pais e professores de ensino fundamental e médio que esta comunicação informatizada deteriore ainda mais a linguagem utilizada pela criança ou pelo jovem, uma vez que aquela quase sempre é vista como um processo de vulgarização e que eles tendenciem a viver cada vez mais isolados do contato interpessoal. A cultura digital é totalmente dependente da escrita e por ter como uma de suas motivações a velocidade na comunicação, algumas tendências são visíveis como redução de pontuação, de ortografia, predomínio de siglas, de abreviações, o que se faz pensar num falso distanciamento com a linguagem padrão.

Para neutralizar esta falsa realidade, o jogo de imagens, bem como a valorização da semiose, permite e estimula o contato com novos textos, assim faz-se necessária a constante preocupação do meio acadêmico-científico em propagar um vocabulário técnico na rede mundial de computadores, de forma que os obstáculos terminológicos sejam superados e que a relação hiperpessoal passe a ser cada vez mais vista como uma nova forma de organização, destaca Xavier (2006).

Nestes padrões, atualmente, transmitir o conteúdo não implica apenas no cumprimento de diversos assuntos, de diversas áreas, mas também na aplicação e utilização de instrumentos tecnológicos, observando suas influências no processo ensino-aprendizagem. Segundo Mélo (2006), refletir sobre esta nova postura é priorizar o uso da linguagem como práticas sociais de leitura e de escrita, voltadas ao letramento digital, que exige do professor e do aluno habilidades essenciais nesta nova tecnologia digital.

Inserir a cultura digital no ensino é fundamental e algumas soluções seriam: por parte dos professores, investir em mini-cursos e oficinas que explorem os recursos digitais; já por parte dos alunos, estimular as pesquisas on-line, as visitas a sites que propiciem emitir a opinião sobre o filme lançado, explorando potencialidades quanto à argumentação, sugere a autora citada. Outra alternativa seria, como defende Souza (2007), que os professores precisam de uma formação específica para trabalhar com os gêneros digitais, para assim propiciarem aos seus alunos uma prática envolvendo esse tipo de recurso. Para tanto, é necessário que a escola elabore projetos pedagógicos envolvendo a inclusão digital e discutam as inovações que essa nova forma de interação trará ao meio escolar-acadêmico, pois o ambiente da atualidade deve acima de tudo ser preparado para atender as demandas de um mundo que exige cada vez mais conhecimentos e competências.

No entanto, como mostram Rojo, Barbosa e Collins (2006), mesmo com projetos que visem inserir o computador nas escolas, os problemas em relação ao domínio dessa prática por parte dos professores permanecem, isto porque os processos de formação em relação aos usos dessas novas tecnologias ainda precisam ser aperfeiçoados. Com isso, os autores expõem e discutem uma proposta de formação continuada, que visa oferecer aos docentes da rede pública uma formação mediada por novas tecnologias via WEB.

Portanto, alunos e professores precisam reconhecer que a linguagem informatizada é um espaço em que a leitura e a escrita são moldadas não conforme a exigência do gênero, mas de acordo com a posição social que ocupa o interlocutor, uma vez que a língua não é uniforme e a computação apenas ampliou a liberdade de expressão.

LEITURA DOS DADOS: ENSINO DIGITAL OU TRADICIONAL?!

A) O que pensam os diretores

Aplicamos um questionário, contendo dezoito questões abertas, com nove diretores, de nove escolas do cariri paraibano. Dentre as questões, julgamos relevante ressaltar apenas cinco, considerando que as demais poderiam ser inseridas nas selecionadas, conforme será visto.

A primeira questão refere-se à presença ou não do laboratório de informática com internet na respectiva escola. Os resultados estão representados no gráfico abaixo:

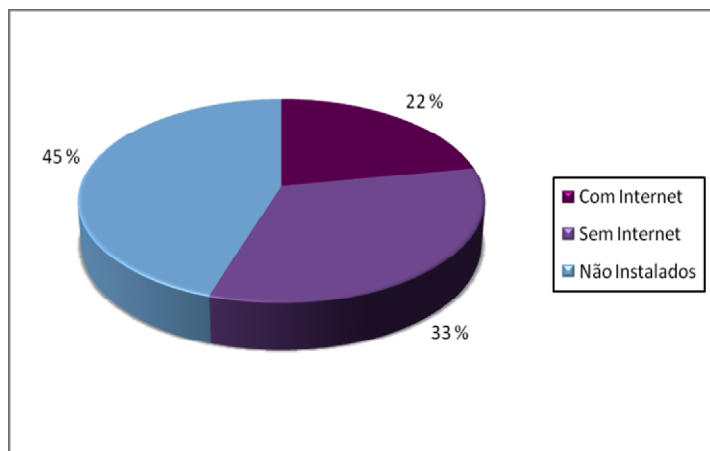


Gráfico I: Laboratórios de informática nas escolas do cariri

De acordo com o gráfico I, podemos observar que todos os diretores afirmaram que em suas escolas havia laboratório de informática, uma vez que este foi um dos critérios que utilizamos para realizar este estudo. Porém, o que nos surpreendeu foi o fato de que 45%, equivalente a quatro dos nove diretores questionados, reconheceram que este ambiente ainda não foi instalado, pois havia algumas exigências, por parte do órgão responsável pela entrega dos equipamentos (Sistema Positivo de Ensino) que ainda não tinham sido cumpridas, tais como, a necessidade de bancadas apropriadas, acompanhadas com cadeiras de rodízio, um ambiente protegido por grades de seguranças para evitar possíveis assaltos, ar-condicionado para refrigeração das máquinas e, aparentemente, o mais simples, um espaço físico amplo e disponível, o que acarretava numa grande dificuldade uma vez que as escolas encontravam-se super-lotadas com salas de aula.

Logo, 22% dos questionados, que correspondem a dois diretores, declaram que suas escolas dispõem de laboratório, devidamente instalado, inclusive com acesso à Internet. Uma destas escolas se destacou no que se refere ao funcionamento integral da sala de informática nos três turnos (manhã, tarde e noite), uma vez que é monitorada por uma pessoa especializada, chegando a oferecer mini-cursos aos professores que não se julgam ser capacitados para trabalhar com tal ferramenta. Na estrutura curricular desta escola, há a oferta de uma disciplina que possibilita aos discentes e docentes, principalmente os da zona rural, ter aulas de noção de informática.

O computador inserido no meio escolar-acadêmico torna-se assim um instrumento de pesquisa que auxilia beneficemente no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que viabiliza a interação entre alunos, professores e meio, inserindo-os e preparando-os para as necessidades emergentes da sociedade. Então, condenar esta nova forma de interação é de certa forma promover a exclusão, já que a mesma faz parte do cotidiano das pessoas, pois, se há uma sociedade que se diz democrática, a mesma deve aceitar e valorizar essa pluralidade de pensar e se expressar, defende Xavier (2006).

Ao serem questionados sobre as mudanças ocorridas na escola com a chegada desses equipamentos, a maioria dos diretores respondeu que houve mudanças significativas, como mostra o gráfico abaixo:

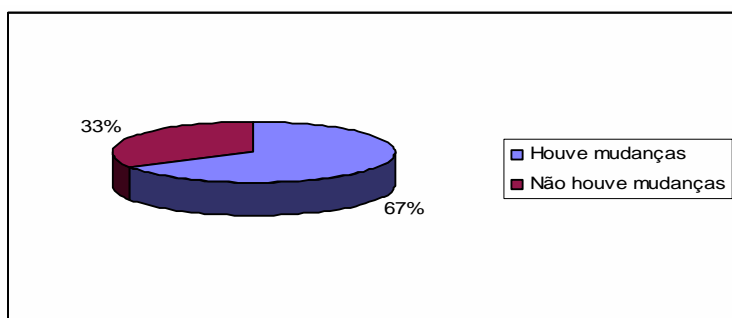


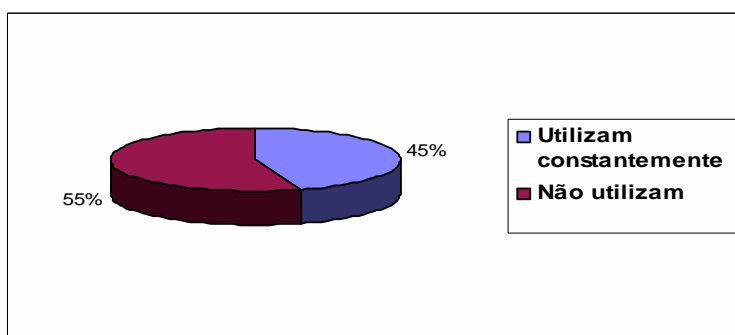
Gráfico II: Mudanças ocorridas com a chegada dos computadores

Como pode ser visto no gráfico, 67%, o que equivale a seis diretores, afirmaram que com a chegada desses instrumentos, há mais de um ano, criou-se uma perspectiva em torno do ensino, uma vez que os professores se mostraram entusiasmados por esse tipo de tecnologia, buscando sempre que possível elaborar atividades com auxílio desse meio virtual. Além disso, as escolas tiveram um significativo desenvolvimento depois da inclusão digital, “pois além de ter facilitado e auxiliado nas práticas do corpo docente como recurso pedagógico, já que grande parte dos professores da rede pública não possui esse equipamento em casa, o computador também possibilitou que aqueles alunos carentes interagissem com um meio de comunicação que rege a nossa sociedade”, afirmou um dos informantes, em resposta ao questionário.

Assim, apenas 33% (três diretores) declararam não ter havido nenhum tipo de mudança, devido ao fato de os computadores apenas terem chegado à escola e não terem ainda sido devidamente instalados, não trazendo, portanto, nenhuma repercussão para a escola, a não ser a especulação quanto à data de instalação e possibilidades de acesso.

De acordo com este resultado, podemos diagnosticar que a inclusão digital e o uso da Internet são de fundamental importância no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que estimula tanto os educadores a buscarem mais conhecimento, quanto ao aluno a conhecer o mundo em que ele está atuando, contribuindo de forma positiva para novas formas de interação.

Questionamos também quanto à frequência com que os professores utilizavam o laboratório de informática da escola. Os resultados confirmaram que uma relativa maioria não utilizava:

**Gráfico III: Utilização do laboratório de informática da escola pelos professores**

Como pode ser visto, 55%, que corresponde a cinco diretores, afirmaram que os seus professores não utilizam os computadores instalados das escolas, devido a vários fatores, como não saberem manuseá-lo ou mesmo não se sentirem capacitados para tanto. Tal postura contribui para a manutenção de um ensino tradicional, tendo como ferramenta principal o livro didático, afastando os adolescentes de suas experiências sociais, como é o caso da internet.

Fica nítido também que, apesar de a existência de projetos que visem inserir o computador nas escolas, os problemas em relação ao domínio dessa prática por parte dos docentes permanecem. Isto porque os processos de formação dos professores, em relação aos usos dessas novas tecnologias, ainda precisam ser aperfeiçoados, como ressaltou autores como Mélo (2006).

Os outros 45%, ou seja, quatro diretores restantes, afirmaram que os docentes utilizam constantemente esses computadores para elaboração de provas, atividades extraclasse, relatórios, pesquisas e algumas vezes para dar aulas, como forma de inovação e distração para os alunos, mas, para isso, precisam apenas “escolher uma data propícia com a sua aula e incluir no seu roteiro semanal”, afirma um diretor.

Já em relação ao uso do laboratório de informática pela comunidade, comprovamos que uma maioria absoluta não tem ou não terá livre acesso a esses equipamentos, como demonstra o gráfico a seguir:

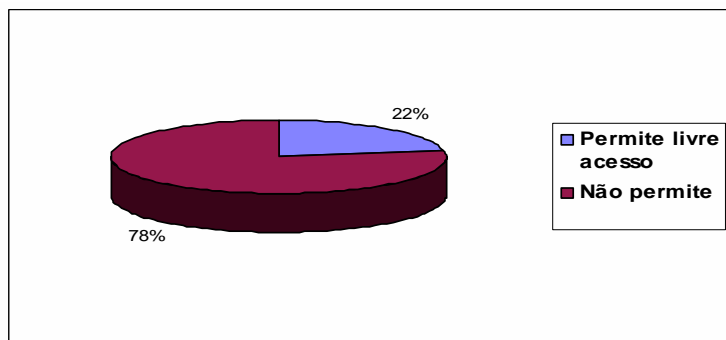


Gráfico IV: Utilização do laboratório de informática pela comunidade

Como mostra o gráfico IV, uma expressiva maioria, 78% (sete diretores) afirmaram que não há o acesso livre do laboratório de informática à comunidade, pois o uso dos equipamentos se restringe apenas ao corpo docente e discente, conforme pode ser registrado nesta resposta: “o uso desses computadores será restrito apenas ao corpo discente e docente da escola, pois para uso da comunidade há as *Lan House* disponíveis na cidade”; ou nesta outra: “durante quatro anos, pessoas que não pertenciam à comunidade escolar freqüentavam constantemente as salas de informática de nossa escola para realizar pesquisas em diversas áreas. Porém, por não haver naquela época uma pessoa altamente qualificada para monitorar esses computadores, foi proibida a entrada de pessoas que não pertencessem ao corpo docente e discente da instituição”. Percebemos nestas duas respostas uma clara preocupação por parte em preservar o patrimônio adquirido, afastando daquele espaço físico qualquer indivíduo desqualificado para o manuseio.

Sendo assim, 22%, que se refere a apenas dois diretores, atestaram que a comunidade tem total liberdade para freqüentar os laboratórios para realização de trabalhos ou qualquer outro tipo de atividade. Só que muitas vezes o acesso é controlado por professores e diretores, por não haver pessoas totalmente qualificadas para monitorá-la. Um dos diretores de cuja escola ainda não foram instalados os computadores destacou que com a futura instalação, a população terá livre acesso, pois por “a escola estar inserida em uma comunidade carente, eles [a comunidade] não têm condições sócio-econômicas para utilizar os computadores privados, como exemplo os das *Lan Houses*”.

Desta forma, as escolas que visam promover aprendizagem através do computador, em especial da Internet, estão acima de tudo fazendo dos alunos e professores aprendizes que constroem conhecimento interdisciplinar em ambientes informatizados. Portanto, a escola pode oferecer um ambiente propício com o perfil daqueles que vêm de uma realidade que exige cada vez mais novas competências e conhecimentos.

B) O que pensam os professores

Aplicamos um outro questionário com dezesseis docentes que ensinam Língua Portuguesa, tendo como critério para preenchimento o fato de eles estarem presente na escola no momento da visita da pesquisadora. Este instrumento continha doze questões abertas, com indagações do tipo: Em suas aulas, há o planejamento de alguma prática envolvendo a Internet?; Que importância você atribui desses recursos nas aulas de Língua Portuguesa?; Para você, como professor de Língua Portuguesa, o uso da Internet pode deteriorar a linguagem utilizada pelos jovens? Algumas destas indagações estão aqui representadas em forma de gráfico.

Ao serem questionados sobre o planejamento de alguma prática envolvendo a Internet nas suas aulas, a maioria respondeu que não, enquanto que uma minoria afirmou que utiliza, como pode ser visto no gráfico abaixo:

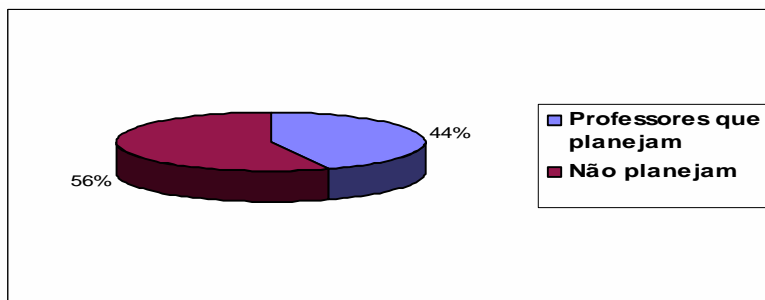


Gráfico V: Planejamento de práticas de ensino utilizando a Internet

De acordo com o resultado, percebe-se que 56%, o que equivale a nove professores, afirmaram não elaborar nenhuma atividade envolvendo a Internet em suas aulas, justificando esta prática devido ao fato de a maioria dos alunos serem da zona rural e não dominarem muito tal recurso. Contudo, embora a maioria não o utilize para atividades que envolvam a Internet, os professores reconhecem a importância deste recurso, ao declararem que pode auxiliá-los no planejamento das aulas, no processo de ensino-aprendizagem e, principalmente, a possibilidade de os alunos realizarem pesquisas.

Por outro lado, o corpo docente afirma que a maior dificuldade existente em relação ao planejamento utilizando o computador é por “nós não sabermos usar esse equipamento” e por “não sabermos como fazer uma relação entre as aulas de língua portuguesa e o uso da Internet”, responderam dois professores, respectivamente. Por isso, 44%, sete deles, admitiram que constantemente planejam aulas no laboratório de informática para realizar atividades como pesquisa e também para incentivar os alunos a digitar um pequeno texto, para que assim aqueles que nunca tiveram contato com o teclado possam aos poucos interagir com este recurso tecnológico.

Neste momento, devemos ressaltar que a principal atribuição dada pelos docentes à internet ainda é a possibilidade de se fazer pesquisas on-line, restringindo a multiplicidade de funções, como conhecer países, acessar dados, fazer compras, a uma única função existente na rede mundial, que é pesquisar, desconsiderando, inclusive, toda a abordagem possível de ser aplicada a partir da observância e da produção dos gêneros digitais (XAVIER, 2006).

Além disso, como afirma Freitas (2006), o computador vem se tornar mediador de novas práticas de leitura e escrita perante os espaços cibernéticos interativos (espaço de interação e de produção de conhecimento humano que se abre para todas as áreas, científica, econômica, artística, política e educativa), nos quais crianças e adolescentes podem passar horas frente à tela divertindo-se com jogos, desenhos, editando textos, navegando na internet, lendo e principalmente escrevendo.

Porém, ao serem indagados se o uso da Internet poderia de alguma forma prejudicar a linguagem dos jovens em sala de aula, a maioria declarou que sim, como mostra o gráfico a seguir:

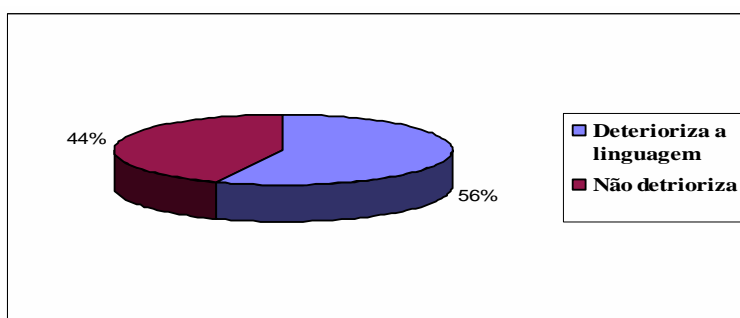


Gráfico VI: O uso da Internet deteriora a linguagem dos jovens

Como revelam as estatísticas, 56%, nove professores confirmaram que o uso da Internet pode sim prejudicar a escrita na sala de aula, ao afirmarem que “como experiência própria, já presenciei em alguns textos feitos pelos alunos o uso dos internetês, como vc em vez de você”, ou então, “o português é a única disciplina que exige do aluno o uso constante da linguagem padrão e muitas vezes ele quer trazer as abreviações da Internet para a sala de aula”.

Com base nesta afirmação, podemos comprovar o mito de que a Internet prejudica a linguagem dos jovens ainda insiste em permanecer. Isso ocorre não apenas por culpa do professor, mas por uma sociedade que se sente ameaçada por esse novo tipo de tecnologia e de certa forma não reconhece as diversas atividades presente nesse meio virtual. Percebemos então que os professores ainda acreditam que as abreviações que ocorrem nas salas de bate-papo podem influenciar o aluno no momento de produzir um texto, quando dizem que “o português é a única disciplina que exige do aluno o uso constante da linguagem padrão e muitas vezes ele quer trazer as abreviações da Internet para a sala de aula”.

Como afirma Souza (2007), todos os professores de língua devem acima de tudo construir uma consciência lingüística de que a Língua Portuguesa é uma “unidade” composta de muitas variedades, sendo assim, seria errôneo dizer que a linguagem utilizada na Internet é informatizada. Entretanto, esta concepção insiste em permanecer não por culpa do professor, mas de uma sociedade que se sente ameaçada por esse novo tipo de tecnologia, que de certa forma se fecha para as diversas atividades presentes nesse meio virtual como os gêneros digitais.

Entretanto, 44%, sete professores, revelaram que o uso da linguagem na Internet não danifica a linguagem utilizada pelos jovens na sala de aula, uma vez que os alunos sabem diferenciar que para cada situação existe uma forma diferente de se expressar através da língua. Com tal atitude, esses docentes consideram o internetês não mais como um prejuízo à aprendizagem da escrita formal, e sim, como um facilitador e propiciador da aprendizagem da língua materna.

Como defende um deles, “essa linguagem, na qual eles se interagem com os outros por meio de simplificações, sem necessariamente estarem seguindo tabus, já faz parte da realidade deles, sendo assim, cabe a nós professores orientá-los de que a língua tem muitas variações e cabe a eles utilizarem a linguagem de acordo com o contexto”. Como a Internet envolve uma linguagem que atinge hoje grande parte da nossa população, ela faz parte do cotidiano dos nossos alunos e cabe aos professores estimular estes aprendizes o conhecimento das várias modalidades de escrita.

FINALMENTE: É REALIDADE OU FICÇÃO?!

Após este breve estudo fica evidente o fato de que, de acordo com as respostas dos diretores, mesmo que a instituição tenha laboratório de informática, doado pelo governo federal, este ainda não faz parte de realidade educacional, tendo em vista que não há um espaço físico propício para sua instalação.

Já de acordo com as respostas dos docentes, confirmamos a idéia de que alguns professores de língua portuguesa ainda pleiteiam a ideologia de que o uso do computador em especial a Internet prejudica o ensino-aprendizagem, uma vez que o constante acesso dos alunos com a linguagem virtual estimula os vícios para as produções textuais. Ou seja, os professores, em sua grande maioria, ainda não disseminaram a idéia de que a utilização da linguagem tecnológica, em especial, a digital, com seus vícios, não prejudica os alunos no momento da produção textual; assim, acreditam ou acomodam-se quanto à idéia de que o uso constante deste vocabulário possa vir substituir a sua presença em sala de aula.

Portanto, fica evidente com este estudo que não adianta investir em programas e projetos governamentais para conseguir disponibilizar computadores para as escolas públicas, se não houver antes uma preocupação em possibilitar a inclusão digital para todos. E, para que haja essa inclusão, é preciso tornar possível o acesso ao computador e à Internet, oferecer o letramento digital para os educando para que assim eles possam fazer uso efetivo dos gêneros digitais na sala de aula e possam desfrutar das atividades e informações presentes nesse espaço virtual.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Etnografia da prática escolar*. 8. ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.

- FREITAS, M. T. A. Da tecnologia da escrita à tecnologia da Internet. In: FREITAS, M.T. e COSTA, Sérgio Roberto (Orgs.). *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p.11-17.
- GALLI, Fernanda Corrêa Silveira. Linguagem da Internet: um meio de comunicação global. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos dos Santos (Orgs.). *Hipertexto gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p.120-134.
- MÉLO, Francisca Maria de. Gêneros digitais e formação de professores. In: LINS, Juarez Nogueira; BEZERRA, Rosilda Alves; NEGREIRO, Carlos Alberto de (Orgs.). *Linguagem e discussões culturais*. Vol. 1. João Pessoa: Ed. dos. Organizadores, 2006, p.107-113.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Pesquisa interpretativista em Lingüística Aplicada: a linguagem como condição e solução. *D.E.L.T.A*, v.10, n.02, p.329-338, 1994.
- RIBEIRO, Ana Elisa. Kd o Prof? Tb foi Navegar. In: ARAÚJO, Júlio César (Org.). *Internet & ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p.205-278.
- ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline Peixoto; COLLINS, Heloisa. Letramento digital: um trabalho a partir dos gêneros do discurso. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006, p.107-129.
- SOUZA, Socorro Claudia Tavares de. As formas de Interação na Internet e suas Implicações para o Ensino de Língua Portuguesa. In: ARAÚJO, Júlio César (Org.). *Internet & ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p.196-203.
- XAVIER, Antonio Carlos. Reflexões acerca da escrita nos novos gêneros digitais da Internet. In.: *Investigações: lingüística e teoria literária*, v. 18, n. 2, p. 115-130, Recife: Editora Universitária da UFPE, 2006.